

Pinus Erectus

• Contos Eróticos de Natal •

Álvaro Cardoso Gomes

Carla Ribeiro

Fernanda Macahiba

Francisco Martins

Isabel Flora Craveiro

Jorge Tinoco

José Leon Machado

Mariel Reis

Milton M. Azevedo

Edições Vercial

CRISTINA 09

Pinus Erectus

• Contos Eróticos de Natal •

Ficha Técnica

Título: *Pinus Erectus – Contos Eróticos de Natal*

© Copyright Edições Vercial e Autores, 2012-2013

3.^a edição revista e aumentada

Organização, edição e revisão: José Leon Machado

Ilustração da capa: pintura de Cristina Henriques

Todos os direitos reservados

Edições Vercial, Braga

ISBN-13: 978-989-700-208-3

Os nomes e as ações narradas nesta obra são produto da imaginação dos autores e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é pura coincidência.

Pinus Erectus

• Contos Eróticos de Natal •

Álvaro Cardoso Gomes

Carla Ribeiro

Fernanda Macahiba

Francisco Martins

Isabel Flora Craveiro

Jorge Tinoco

José Leon Machado

Mariel Reis

Milton M. Azevedo

Edições Vercial

Ho, Ho, Ho

Álvaro Cardoso Gomes

Norma acabara de chegar do cabeleireiro, onde havia se encontrado com a Sara. Vinha excitada e, ao mesmo tempo, envergonhada. Acontecia que, como de costume, a amiga tinha lhe falado sobre intimidades. Só se viam no salão de beleza, pois o marido de Norma considerava a Sara uma mulher escandalosa e sem modos.

– Não gosto que fique conversando com ela. Você não deve se misturar com gente assim.

Como nunca ousava contrariar o marido, deixou de receber a amiga em casa. Tentou inventar uma desculpa esfarrapada para lhe dizer isso, mas a Sara logo rebateu, com malícia:

– Já sei, já sei, seu maridinho tem medo que eu desvirtue a esposa angelical...

De fato, o Macedo era muito pudico. Haviam se casado virgens, nunca o ouvira dizer um palavrão. Na lua de mel, foi sem arroubo que tiveram a primeira transa. E aquilo vinha se prolongando vida afora. Mas, agora, aos trinta anos, ela sentia que faltava alguma coisa em sua vida. As transas iam se tornando cada vez mais raras. Macedo sempre pretextava cansaço. Trabalhava muito, era verdade. E assim vivia cansado, sem disposição para nada. À noite, não satisfazia as

ansiedades dela. Quando, com muita vergonha, ela confessou isso a Sara, a amiga caiu na gargalhada e disse:

– Mas o que queria esperar do casamento e ainda mais de um homem como o Macedo? Ele é certinho demais.

Norma procurava defender o marido, dizendo que ele nunca deixara faltar nada em casa, que era um homem amoroso...

– Amoroso? – dizia a Sara, impiedosa. – É só isso que tem a dizer dele? Imagino que a vida sexual de vocês...

Toda vermelha, Norma a interrompia:

– Preferia não falar disso.

Mas Sara continuava:

– Querida, vocês precisam se reciclar, colocar mais pimenta na relação.

Não mais a rebatia. Toda confusa, a ouvia falar de coisas que a deixavam toda arrepiada: lingerie, perfumes eróticos, vibradores.

– Em casa, não tem dia que o Natinho não inventa uma coisa nova. Ontem mesmo, me deu de presente uma lingerie preta incrível! Precisava ver a calcinha: fio-dental, toda de renda, nem parece que estou vestida. E ele ficou tão excitado quando vesti a lingerie que fodemos quatro vezes seguidas.

Norma voltava para casa confusa com aquelas revelações. Devia ser tão bom fazer algo diferente do trivial de vez em quando. Mas logo rebatia o pensamento, escandalizada com o que se passava em

sua cabeça. Não era digno de uma mulher casada ter esses devaneios. Se o Macedo soubesse que ela andava conversando com a Sara sobre essas coisas... Decidiu então romper com a amiga. Não se veriam mais, inclusive trocaria de cabeleireiro. Mas, na semana seguinte, estava de volta ao salão de beleza de costume. E toda vexada, mas também curiosa, ouvia as histórias que a Sara lhe contava. Com a maior naturalidade, a amiga falava que, nos últimos tempos, uma das coisas que ela e o marido mais gostavam era de fazer um sessenta e nove. Norma resistiu o quando pôde, até que, vencida pela curiosidade, perguntou:

– Sessenta e nove...? O que... o que que é isso?

A amiga caiu na gargalhada.

– Vai me dizer que nunca fizeram um sessenta e nove?

Ante o olhar pasmo da Norma, a amiga lhe explicou com detalhes maliciosos, apimentados.

– É uma delícia! Vocês deveriam experimentar – e completava: – Se quiser ver direito como é, ponha no Google...

Em casa, hesitante, Norma foi ao computador e viu um vídeo. Envergonhada e excitada, acompanhava o movimento de um homem e uma mulher, com os corpos enlaçados e trocando carícias. Até que, num determinado momento, ao se dar conta do que estava vendo, desligou o computador. Seu coração batia forte, sentiu-se febril, perturbada. Quando o Macedo chegou do trabalho bem tarde, ela, ao contrário do que costumava acontecer, ainda estava acordada. De

maneira geral, nunca esperava por ele, que dizia:

– Não me espere, amor, tenho que fazer horas extras.

Obedecendo, ia dormir antes que o marido chegasse. Mas desta vez, o esperou. Quando ele se deitou a seu lado, Norma o abraçou, cheia de excitação. Macedo lhe deu um casto beijo na testa e disse, bocejando:

– Hoje, não querida, estou cansadíssimo e amanhã prometi estar às seis no escritório.

– Mas querido, faz tanto tempo...

– No final de semana, meu bem... – disse com uma voz funda de quem já está mergulhando no sono.

Ele dormiu, ela ficou acordada. E as imagens vistas no vídeo foram tomando conta de sua cabeça. Imaginou-se na situação: ele por baixo, ela por cima, ou vice-versa, a língua dele lambendo-a, ela, por sua vez, chupando-o. Queria desviar o pensamento e não conseguia. Eram sempre aquelas imagens que a deixavam atordoada. Tanto que, começou, instintivamente, a massagear o clitóris, coisa que nunca fizera antes. Como resultado, explodiu de gozo. Teve que morder o lábio para não gritar. E, a seu lado, como uma criança inocente, o Macedo dormia o sono dos justos.

Ela adormeceu, mas não demorou a acordar. Teria sido um sonho? Teria mesmo se masturbado? Um sonho, concluiu. Mas a leve dormência no clitóris acabou por lhe dar a certeza de que fizera uma coisa inominável. Tanto que, pela manhã, se sentiu

arrependida por ter cedido às vontades do corpo. Prometeu outra vez que não mais veria Sara.

No dia seguinte, quando ela telefonou, convidando-a para ir ao shopping, disse que não podia, que tinha compromissos.

– Deixa de história, Norminha. Vamos lá. Quero que me ajude a escolher umas roupinhas.

Acabou cedendo. Mas, ao chegar no shopping e ver a loja em que a amiga entrou, quase caiu de costas. Era uma de lingerie erótica. A princípio vexada, depois, curiosa, ia observando as peças – calcinhas, meias-calça, sutiãs, ligas, camisolas – e lhe sentindo a textura.

– Norma, venha aqui ver se me caiu bem este conjuntinho – disse a Sara, que havia entrado num dos provadores.

Viu que a amiga vestia apenas uma meia rendada cor de carne, com um minúsculo tapa-sexo.

– Então, o que acha?

Girava o corpo – atrás, uma fita finíssima desaparecia entre as polpas das nádegas.

– Acho escandaloso demais... – murmurou, corando.

– Escandaloso? – Sara caiu na gargalhada. – Ora, você não viu nada ainda. Aliás, ficaria muito bem neste seu corpinho. Não quer experimentar?

– Eu?! – perguntou, assustada, levando as mãos aos seios, como se quisesse se proteger.

– Você mesma. Vai tirando a roupa, que vou buscar uma especial.

– Sara...

Mas a amiga não a ouvia e se dirigia à vendedora. Quando voltou com a lingerie, notando que Norma ainda não se despira, disse:

– Anda, vamos.

– Acho que não devia. Eu...

– Não estou dizendo para comprar, querida, só para provar.

Custava experimentar? Não, não custava nada. Despiu-se com muita vergonha, ainda mais que a Sara, depois de apreciar suas formas, disse:

– Ai, que corpinho, amiga! Nenhuma barriga...
E que coxas!

Ajudada por ela, vestiu um conjunto preto. O contato com o tecido macio, sedoso, a deixou toda arrepiada. Olhou-se ao espelho e corou de vergonha, ao ver que aquela peça não era acompanhada nem ao menos de um tapa-sexo. Sentia-se literalmente nua.

– Caiu muito bem em você! Se o Macedo a visse desse jeito...

– Deus me livre, Sara! Se ele me visse desse jeito, brigava comigo.

– Que nada! – Sara caía na risada. – Você não sabe como são os homens. Ele ia ficar doidinho.

Como sempre acontecia nessas ocasiões, Norma voltou para casa toda confusa e cheia de remorso. Não, não podia entrar na da Sara. A amiga e o marido não tinham o menor pudor. Não era o seu caso e, muito menos, o de Macedo. Onde se viu usar uma roupa tão escandalosa?! Mas, embora se sentisse envergonhada

por ter experimentado a lingerie, cheia de desejo, ficou esperando pelo fim de semana. Ainda mais porque o Macedo tivera que viajar a negócios. Disse que voltava no sábado à noite. E quando chegou o grande dia, ela passou o tempo ansiando pelo momento em que estariam juntos. Pena que não pudesse ter à mão a lingerie... Não, eles não precisavam daquilo. Eles se bastavam, sem ter que apelar para aquela pouca vergonha! Em todo caso, tomou um longo banho, perfumou-se e ficou à espera do marido. Mas, quando o Macedo chegou, e ela correu a seu encontro para beijá-lo, ele disse:

– Ai, querida, nem lhe conto como estou cansado.

– Cansado? – disse, decepcionada.

– Ah, vou tomar uma ducha e cair na cama.

E a promessa de que fariam amor, pensou, angustiada? Não, o Macedo não podia fazer isso com ela. Mas foi o que fez: depois do banho, nem quis experimentar a gostosa comida que preparara e foi direto para a cama. Mas e se o tentasse?, pensou, ao mesmo tempo em que tirava a camisola e tentava beijá-lo.

– Hoje não, amor...

Sem que pudesse se conter, ela começou a chorar.

– O que foi, Norma? – perguntou ele, atônito.

– Você tinha prometido.

– Prometido o quê?

– Que a gente ia fazer amor.

Ele ficou em silêncio e, por fim, disse:

– Mas, meu bem, estou exausto e...

Ela explodiu:

– Exausto! Você está sempre cansado! Sabe quanto tempo faz que a gente não transa?! Mais de um mês! E você só pensa em trabalho, trabalho. Nossa vida está um vazio sem fim!

Macedo olhou espantado para a mulher que nunca tivera uma explosão como aquela. Era sempre tão meiga, tão doce. Mas, de certo modo, ela tinha razão, considerou.

– Está bem, está bem – disse, conciliador. – A gente pode mudar alguma coisa em nossa vida...

– Como assim?

– Não sei, amor, mas juro que vou pensar em algo para deixar você feliz.

Norma parava de chorar, ele a abraçava. Começaram a trocar beijos. Em meio às carícias, contudo, o Macedo adormeceu. Mas ela o perdoou, porque ele tinha prometido mudar. No dia seguinte, encontrou-se com Sara e, depois de muito hesitar, contou-lhe da conversa da noite anterior.

– Então, o maridinho está querendo mudar... – disse, sorrindo com malícia. – Mas será que ele sabe mesmo o que mudar?

– Não sei... o Macedo...

Sara ficou pensativa por um momento e acabou dizendo:

– O que pode estar acontecendo, querida, é que seu marido talvez esteja confuso. Como você, ele

fica com vergonha. Seria bom que a gente desse um empurrãozinho...

– Como assim?

– Deixa eu pensar... Depois, lhe digo.

E mudando de assunto, a Sara disse que o marido dela havia lhe preparado uma grande surpresa. Uma coisa do outro mundo. Ante o ar de estupefação de Norma que acreditava que a amiga, em matéria de sexo, já devia ter feito de tudo, explicou:

– Ele contratou um garoto de programa para mim...

– Garoto de programa...?

A Sara deu uma gargalhada.

– Vai dizer que não sabe o que é? É um homem que transa por dinheiro.

– Uma espécie de prostituta?

– Isso mesmo – disse, divertida com o embaraço da amiga.

– E como ele teve coragem de fazer uma coisa dessas?! – Norma reagiu, escandalizada.

– Não só teve coragem, como também se escondeu dentro do guarda-roupa para me espiar trepando com o garoto.

Ante a cara de absoluta estupefação de Norma, continuou:

– E o mais engraçado é que o garoto de programa veio fantasiado de Papai-Noel.

– De Papai-Noel?!

– Sim, como estamos perto do Natal, o Natinho pediu que mandassem um garoto de programa com

barba branca, roupa vermelha, gorro e botas. O maior barato. Adorei a surpresa e fiquei muito excitada. Quanto a meu marido nem se fala. Ficou doidão! Depois que o garoto foi embora, demos mais umas quatro!

E, sorrindo maliciosa, concluiu:

– Vocês deveriam experimentar uma coisa dessas.

– Eu nunca transaria com outro homem, Sara!

– disse, indignada. – Ainda mais com um garoto de programa.

– E por que não? É sem compromisso, uma brincadeira. É só pagar, e o garoto some da sua vida. E se quer saber, depois disso, passamos a nos amar ainda mais.

Quando iam se despedir, a Sara disse:

– Falando nisso, acabei de ter uma boa ideia para vocês dois...

– Que ideia? – perguntou Norma, desconfiada.

– Vamos fazer o seguinte: eu mando para o seu marido, sem me identificar, é claro, o catálogo da agência de garotos de programa que o Natinho usou. Eles são muito discretos.

– Nem pensar! – rebateu a Norma, indignada.

Sara olhou para a amiga, pegou suas mãos e disse:

– Querida, qual o problema? Não é uma forma de ele mudar, dando um prazer diferente para ambos? Ninguém ficará sabendo.

Norma ficou pensativa por alguns segundos, para depois perguntar, com angústia, num fio de voz:

– Mas como ele irá reagir? E se o Macedo...?

Índice

N.º de página:

Ho, Ho, Ho <i>Álvaro Cardoso Gomes</i>	7
Espíritos de um Natal passado <i>Carla Ribeiro</i>	27
O lençol natalino <i>Fernanda Macahiba</i>	33
Natividade <i>Fernanda Macahiba</i>	45
O presente de Natal <i>Francisco Martins</i>	59
Quebra-nozes <i>Isabel Flora Craveiro</i>	91
A mulher do presidente <i>Jorge Tinoco</i>	99
A voluntária <i>José Leon Machado</i>	123
A posta de bacalhau <i>José Leon Machado</i>	139
Austeridade <i>Mariel Reis</i>	153

Natal com alminhas	
<i>Milton M. Azevedo</i>	155
Uma vez ao ano	
<i>Milton M. Azevedo</i>	171